

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

WALKIRIA PRESA PAULINO

**ENTREMEIOS: A COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E A  
IDEOLOGIA DO FAVOR EM *DOM CASMURRO***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR  
2015

WALKIRIA PRESA PAULINO

**ENTREMEIOS: A COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E A  
IDEOLOGIA DO FAVOR EM *DOM CASMURRO***

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Pato Branco como requisito parcial para obtenção de título de licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima

PATO BRANCO – PR

2015



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Autor (a): **Walkiria Presa PAULINO**

Título: **Entremeios: a complexidade das relações sociais e a ideologia do favor em personagens secundárias de *Dom Casmurro***

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 23, 11, 2015  
com NOTA 95 (noventa e cinco) pela comissão julgadora:

**Prof. Dr. Marcos Hidenir de Lima – UTFPR Pato Branco**  
Orientador(a) e Presidente da Banca

**Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco**  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

**Prof.ª Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

**Profa. Dra. Leticia Lemos Gritti**  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

**Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

**Prof.ª Dr.ª Leticia Lemos Gritti**  
SIAPE n.º 1695421  
Coordenadora do Curso de Licenciatura  
em Letras Português-Inglês  
UTFPR - Câmpus Pato Branco

**A folha de aprovação encontra-se assinada na coordenação do curso.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe, cujo afago nunca me faltou, mesmo que a distância, através das doces palavras e que durante minha infância nunca estive suficientemente cansada para deixar de me contar uma estória antes de dormir, pois foi naquele período que esse trabalho se iniciou.

Agradeço ao meu pai, pela extrema confiança e pelo apoio em toda essa trajetória.

Agradeço ao acaso, que me ajudou a entrar no curso de Letras da UTFPR, Câmpus Pato Branco, mas principalmente, a todos os mestres nele presentes, que posteriormente, através das palavras e dos gestos inspiradores, me trouxeram a certeza de que eu estava no lugar certo.

Agradeço especialmente ao meu orientador, professor Marcos Hidemi de Lima, por todos os textos corrigidos nos fins de semana e pelas orientações dadas sempre com o mesmo bom humor, comprovando a ideia de que quando se faz o que se ama a palavra trabalho se ressignifica e vira poesia por si só.

Agradeço também aos colegas que se transformaram em família, tornando menores as dificuldades do percurso.

*E pela lei natural dos  
encontros  
Eu deixo e recebo um  
tanto*

*(Os Novos Baianos,  
1972)*

## RESUMO

PRESA, Walkiria. Entremeios: a complexidade das relações sociais e a ideologia do favor em *Dom Casmurro*. 2015, 52 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês). Curso de graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2015.

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado pela primeira vez em 1899. Nosso principal objetivo foi analisar como as relações sociais da época eram pautadas no ideal de vida burguês e na ideologia do favor e como essas ideologias influenciavam o comportamento das personagens Dona Glória, Bento Santiago, José Dias e prima Justina. Analisaremos Dona Glória e Bento Santiago como pertencentes a classe dos proprietários e José Dias e Prima Justina como pertencentes a classe dos agregados. Para tal estudo fez-se uma pesquisa bibliográfica, tomando como referência as discussões do antropólogo Roberto Damatta (1997) sobre a sociedade relacional do século XIX, de Maria Ângela D’Incao (2012), sobre a família burguesa, e de Roberto Reis (1987) sobre a ideia de núcleo e nebulosa ao tratar das posições sociais. Para fundamentar as questões sobre a ideologia do favor foram usadas autoras como Emília Viotti da Costa (1999) que discursou sobre o falso homem livre e Maria Sylvania de Carvalho Franco (1997). Sobre o favor na obra de Machado de Assis utilizamos as leituras de Therezinha Mucci Xavier (1994) e de Luis Filipe Ribeiro (1996). Finalmente, através das análises feitas foi possível constatar que as personagens estudadas encontravam-se sempre no entremeio de posições, mostrando uma interdependência entre agregados e proprietários, utilizando-se de estratégias de sobrevivência em uma sociedade patriarcal.

**Palavras-chave:** Ideologia. Favor. Dom Casmurro. Agregados. Proprietários.

## ABSTRACT

PRESA, Walkiria. Insertion: the complexity of social relations and the ideology of favor in *Dom Casmurro*. 2015, 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês). Curso de graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2015.

This work has as object of study the novel *Dom Casmurro*, written by Machado de Assis, first published in 1899. Our main goal was to analyze how the social relations of the time were guided by the ideal of bourgeois life and by the ideology of favor. Showing how these ideologies influenced the behavior of the characters Dona Gloria, Bento Santiago, Jose Dias and cousin Justina. Analyzing Dona Gloria and Bento Santiago as owners and Jose Dias and Cousin Justina as aggregates. For this study were taken as reference the discussions by the anthropologist Roberto Damatta (1997) on the relational society of the nineteenth century, Maria Angela D'Incao (2012) on the bourgeois family and Roberto Reis (1987) about the idea of core and nebula when dealing with social positions. In support of issues in the ideology of favor were used authors like Emilia Viotti da Costa (1999) who wrote about the false freeman and Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997). About the favor in Machado de Assis's work we used the readings of Therezinha Mucci Xavier (1994) and Luis Filipe Ribeiro (1996). Finally, through the analysis was established that the characters studied found themselves in intermediary positions, showing an interdependence between aggregates and owners, using survival strategies in a patriarchal society.

**Keywords:** Ideology. Favor. *Dom Casmurro*. Aggregates. Owners.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A SOCIEDADE BRASILEIRA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX E A IDEOLOGIA DO FAVOR .....</b>	<b>12</b>
2.1 O FAVOR NAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS .....	17
<b>3 A CLASSE DOS PROPRIETÁRIOS EM DOM CASMURRO .....</b>	<b>24</b>
3.1 DONA GLÓRIA.....	25
3.2 BENTO SANTIAGO .....	31
<b>4 A CLASSE DOS AGREGADOS EM DOM CASMURRO.....</b>	<b>35</b>
4.1 JOSÉ DIAS .....	35
4.2 PRIMA JUSTINA .....	44
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Tendo em mente que a literatura é um dos mais ricos mecanismos de exploração da realidade social e do comportamento humano, este trabalho busca explicitar os conflitos vividos durante o século XIX e que se prolongam até os dias atuais em função das definições de gênero e da ditadura de um comportamento social específico.

Escrito no fim do século XIX, em 1899, especificamente, sendo que a história narrada acontece entre os anos 1857 e 1899, o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis torna-se grande aliado da interpretação das relações humanas fundadas na complexidade das relações vividas na época.

É nesse momento que emerge o realismo literário, corrente da qual Machado é exímio representante e criador. Em *Dom Casmurro* notam-se vários aspectos representativos dos conflitos vividos pela sociedade. A personagem Capitu, dos olhos de cigana oblíqua e dissimulada, lembrada por todos, mesmo por aqueles que não são grandes conhecedores de literatura, é um exemplo dessa representação e mesmo indução de Machado a um rompimento com os valores patriarcais impostos em sua época. Porque possui esse caráter marcante, encantador e transgressor, a personagem salta aos olhos na obra e já despertou o interesse de vários críticos.

Entretanto, conhecendo Machado de Assis como um dos maiores nomes da literatura brasileira, presidente da Academia Brasileira de Letras, possuindo dessa forma uma obra atemporal em virtude dos complexos personagens que construiu dando início ao movimento realista no Brasil, é difícil, se não mais correto impossível, dar como desvendadas todas as possibilidades de exploração de suas personagens e obras.

Segundo Antonio Candido(2011, p.18), cada nova leitura da obra de Machado, partindo de uma corrente crítica diferente pode ser justa, pois

Nas obras dos grandes escritores é mais visível a polivalência do verbo literário. Elas são grandes porque são extremamente ricas de significado, permitindo que cada grupo e cada época encontrem as suas obsessões e as suas necessidades de expressão. Por isso, as sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando níveis diferentes na obra de Machado de Assis. (CANDIDO, 2011, p.18)

Como já comentado acima, a personagem Capitu foi muito explorada através do viés feminista em virtude de sua personalidade transgressora dos padrões sociais impostos pelo patriarcalismo vigente na época de produção do romance. Porém, o universo psicologicamente complexo de *Dom Casmurro* estende à maioria das personagens. As lacunas propositais deixadas pelo autor na trama parecem abrir espaço para mais reflexão quanto mais se pensa sobre elas.

Essa afirmação fica clara quando se mencionam os primeiros estudos críticos feitos a partir da obra, que a afirmavam uma construção sobre o tema traição. Posteriormente, no entanto, a norte-americana Helen Caldwell publicou *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960) – no Brasil, traduzido por *O Otelo brasileiro de Machado de Assis* (2002) –, tornando-se a primeira a apontar que essa não é a questão principal da obra e que o tema do romance é o ciúme extremado e suas consequências. Nesse livro, a crítica americana, precursora do feminismo em seu país comparava Bento Santiago a Otelo, personagem de Shakespeare que mata sua esposa por desconfiança em uma trama construída sobre a traição, e no desfechodessa peça teatral, Otelo descobre que estava enganado e comete suicídio. Nesse sentido, a cada nova leitura do romance, surgem novas hipóteses.

O mais interessante desse estudo é a reviravolta que se dá na interpretação geral do romance de Machado. A ideia de que Bento, como narrador da trama, não é totalmente confiável se contrapõe a leituras antigas que, mais inocentes à construção de Machado, viam Capitu como culpada pela frustração de Bento.

Após a leitura de Caldwell, no entanto, janelas se abriram para vários outros estudos mais aprofundados e teorias críticas sobre tal. John Gledson, em 1991, publica outro estudo bastante importante sobre a obra que completa a ideia de Caldwell sobre o narrador suspeito. Logo no início de sua obra, Gledson (1991, p. 23) afirma que “Dom Casmurro faz de tudo para amenizar o caminho do leitor através do que, na verdade, é um campo minado”.

Por esse motivo é importante nos atermos também a outras personagens, não muito exploradas pela crítica, mas cruciais para o entendimento do romance como um todo. Além do feminino, na obra são denunciadas também questões sociais não ligadas somente ao gênero, mas a posições sociais ocupadas pelas personagens.

No início de seu livro *Machado de Assis: impostura e realismo* (1991), Gledson retoma a fala do crítico Múcio Leão que afirmou que Machado se deliciava em ser

incompreendido. Essa é uma das mais belas e corretas afirmações sobre a obra de Machado e que ajuda a explicar o porquê de tantos estudos sobre tal e porque nunca é cansativo analisá-la de outro ângulo.

Partindo de tais pressupostos e compreendendo então que devemos sempre nos preocupar com os detalhes na obra do autor, iniciaremos nossa análise contextualizando o romance em estudo. No século XIX, período em que se passa a narrativa, existia uma sociedade que deixava de ser essencialmente rural e passava a ser também burguesa, mas ainda regida por um ideal patriarcal. Considerando que essa nova sociedade era oficialmente dividida entre escravos e senhores - mas que para o antropólogo Roberto Damatta possuía uma ideologia principal de sintetizar posições e modelos - discutiremos, por meio de quatro personagens do romance quais eram essas sínteses produzidas e o que elas escondiam, quem eram esses que estavam nessas posições estabelecidas oficialmente, e como o conflito desejo *versus* comportamento era ainda maior do que nos dias atuais, uma vez que comportamento dos cidadãos nessa época era definido forçosamente pela sociedade, em virtude, por vezes da manutenção de uma posição social e, por vezes, da manutenção dos próprios recursos básicos de sobrevivência.

Segundo autores como Emília Viotti da Costa, Maria Sylvia de Carvalho Franco e Roberto Reis, essa nova sociedade teria produzido também uma nova ideologia, assim como uma nova classe social. A nova ideologia presente na época seria a ideologia do favor e essa nova classe social, a do falso homem livre. A ideologia do favor consistia em uma prática de troca de favores entre os proprietários e os homens livres pobres, que não eram escravos, mas que sem o favor dos maiores não encontravam formas de viver em sociedade. Conseqüentemente, esse homem pobre, por ser dependente do favor de terceiros, se tornava também submisso às vontades dos proprietários, sem muito poder de escolha, por isso considerado falso homem livre.

Essa relação entre proprietários e dependentes, mediada pela ideologia do favor, se tornará bastante evidente na obra de Machado de Assis. A crítica Therezinha Mucci Xavier discorrerá sobre tal fato, afirmando que

[...] na complexidade do *favor*, espalhado por todo seu romance, há uma pluralidade de significados, asserções, generalizações e contradições, despidos de sentimentalismo e ilusão, envolvidos de dúvida e negação, constituindo, simultaneamente, indiferença e denúncia: denúncia à sociedade que o *favor* espelha, incidindo nos projetos do patriarcado,

marginalizando indivíduos do processo econômico e eximindo-os da sujeição ao trabalho. (XAVIER, 1994, p. 117, grifo da autora)

Parindo de tais dados esse trabalho terá como objetivo demonstrar como a denúncia de uma sociedade controlada pelo ideal de família burguesa e pela ideologia do favor faz-se presente em personagens secundárias, talvez ainda menos exploradas pela crítica. Estudaremos atentamente os papéis de Dona Glória e de Bento Santiago, que figuram como proprietários na trama, como representantes da classe burguesa, demonstrando como esses estavam submetidos ao ideal de família burguesa. Em contraposição, como presos a ideologia do favor serão analisados as personagens José Dias e prima Justina, agregados na casa dos Santiago. O trabalho também procurará expor como funcionavam as relações entre esses dois grupos, de proprietários e agregados, e quais as motivações sociais para a ação de cada um.

## 2A SOCIEDADE BRASILEIRA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX E A IDEOLOGIA DO FAVOR

A história da burguesia no Brasil se inicia no século XIX, após a descoberta das minas de ouro, a inconfidência, e, posteriormente, com a chegada de D. João VI, a criação da primeira universidade, da primeira biblioteca, e a consequente implantação de padrões trazidos da Europa. Com tantas inovações na sociedade o antigo latifundiário começa a se tornar o proprietário burguês, o patriarcado começa a se deslocar da casa-grande para os sobrados. (FREYRE, 1936, p. 23-31).

Nos documentos do séc. XVIII, já se recolhem evidências de uma nova classe, ansiosa (sic) de domínio: burgueses e negociantes ricos querendo quebrar o exclusivismo das famílias privilegiadas de donos simplesmente de terras na direção das camaras ou senados. Aventureiros enriquecidos nas minas, reinos (sic), dos chamados pés-de-bois [...], 'marinheiros' [...] – são esses os novos elementos, ansiosos de domínio. Ricaços de cazas-nobres (sic), que às vezes, por imitação á nobreza rural, tornavam-se também donos de fazendas, proprietários de engenhos de canna (sic) e de sítios [...]. O desdém da gente de casas-grandes de engenho e de fazenda confundem-se, às vezes, com os outros, com os mercadores de quitandas ou de casas térreas – tudo mascate. Mas eles são de *sobrado*. Fazem-se identificar e distinguir por um typo (sic) nobre de casa urbana e semi-urbana. (FREIRE, 1936, p. 35), grifo do autor).

Ainda para Freyre (1936, p. 51), no entanto, apesar desse antagonismo desenvolvido entre os séculos XVII e XVIII, a nobreza rural conservaria seus privilégios até o fim do século XIX, período em que se dá o desenvolvimento do romance em estudo. Segundo o autor, posteriormente, grande parte dos senhores de engenho acabou traída pelos próprios filhos e pelas filhas, casadas com bacharéis, que abandonaram o engenho como quem abandona um navio, prestes a naufragar.

Contudo, o poder patriarcal, apesar de enfraquecido, continuava sendo o mais presente na sociedade, a trajetória da família rural para a família burguesa não fez com que o patriarcalismo deixasse de existir, pelo contrário, talvez a necessidade da burguesia em ascensão de demonstrar seu poder e conquistar um espaço tenha feito com que as leis sociais de porte e conduta tenham se tornado ainda mais rígidas, surgindo, em decorrência de tais fatores, a preocupação acentuada com a imagem. Esses fatos são importantes para demonstrar como a sociedade se

encontrava em um momento de transição, em que surgiam novos valores, mas, ao mesmo tempo, conservavam-se costumes antigos, em uma intersecção entre a sociedade rural e a nova burguesia.

Segundo Maria Ângela D’Incao (2012, p.224):

Quando vamos nos aproximando do século XIX, a cidade brasileira vai se tornando um apêndice do corpo rural: reflete a grande estratificação rural, mínima população fixa, uns poucos artesãos, mas um grande número de pessoas sem muito o que fazer, sem ocupação determinada, num período minguido em se tratando de atividade econômica de natureza industrial e comercial interna. (D’INCAO, 2012, p. 224).

Para Roberto Damatta (1997, p.71), não há a menor dúvida de que, a sociedade dessa época, “[...] de um ponto de vista jurídico e legal, [...] se achava bisseccionada em senhores e escravos, num dualismo exclusivo e rígido”. Mas o autor destaca principalmente que essa divisão oficial não era a mesma que acontecia na prática. Além disso, Damatta observa que dentre essas categorias é possível que se destaquem subcategorias, afirmando que até mesmo para os escravos, existia o escravo do eito e o escravo da casa, superior ao primeiro, suborganizando a sociedade.

Se pudesse falar esquematicamente, diria que no caso brasileiro há sempre uma superestrutura ideológica e jurídica plenamente coerente e oficial, interpretada por uma infra-estrutura formada pela teia de relações pessoais imperativas que, na prática, modificam muito os termos do problema porque colocam precisamente mais um elemento dentro do esquema, a saber: a relação entre senhores e escravos, o elo entre simpatias pessoais e formulações jurídicas universalizantes. Daí o "jeito", o "sabe com quem está falando?" e, evidentemente, o favor e a consideração. (DAMATTA, 1997, p. 72)

Por esse motivo, para Damatta o estudo social brasileiro deve levar em conta as relações pessoais, o elo existente entre os seres humanos. Segundo o autor, no período escravista a sociedade oficialmente era dividida dualmente entre senhores e escravos, mas o autor acrescenta um novo elemento a essa dualidade, o elemento englobador. Decorrem, portanto, dessa forma:

As posições estão relacionadas por meio de uma lógica complementar perfeita. Às vezes o englobador é o escravismo (quando estávamos na casagrande e falávamos dos nossos escravos como gente relacionada a

nós por simpatia, lealdade e substância), noutras, o englobador é o liberalismo impessoal fundado nas leis e expresso na praça pública e nos jornais: no mundo da rua, onde somos uma "pessoa como outra qualquer..."(DAMATTA, 1997, p. 74).

Conforme Damatta(IDEM, p. 74) verifica dentro dessa dialética do “englobador” e do “englobado” temos de aprender suas relações para descobrir uma importante verdade, a de que no Brasil a relação é um dado básico de todas as situações. Para o antropólogo, a sociedade brasileira é um sistema onde o básico, o valor fundamental, é relacionar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir). Nesse sentido, a sociedade brasileira possuiria uma ideologia principal de sintetizar posições e modelos.( IDEM, p. 77).

Levando em consideração essa sociedade relacional que era o Brasil no século XIX, devemos salientar que a divisão oficial entre escravos e senhores não era exatamente o que acontecia na prática, a verdade é que nos entremeios dessa divisão existiam outras classes sociais menos citadas pelos documentos oficiais.

Roberto Reis (1987), considerando esses seres que viviam no entremeio das posições, dividiu a sociedade em duas outras partes maiores, que não as oficiais, essas partes seriam o “núcleo” e a “nebulosa”. O autor explica que o núcleo é constituído pela classe senhorial, que é sustentada pela escravidão e, em torno desta, “[...]disposta mesmo em seus interstícios e sofrendo sua influência, uma nebulosa social incoerente e desconexa” (REIS, 1987, p. 31). É essa nebulosa social, que nos interessa neste capítulo. A nebulosa, como já dito é formada por aqueles que não estão dentro do pequeno círculo social da elite, que não formam o núcleo exatamente, mas que estão em suas redondezas, não são senhores, também não são escravos, mas estão sujeitos às influências do círculo, sem muitas opções de escolha.

Essa nebulosa, conforme outros estudos, também pode ser entendida como uma nova classe social, a classe do falso homem livre. A sociedade nessa fase dividia-se oficialmente em duas classes maiores: a dos escravos e a dos homens livres. Entretanto, com o passar do tempo e o estudo das relações sociais e ideologias presentes na época, foi possível identificar o falso homem livre. O falso homem livre é caracterizado por um híbrido de homem livre e escravo ou de homem livre e parasita.

O que mais especificamente possibilitou a criação desse falso homem livre foi a ideologia do favor presente na época. Essa ideologia consiste justamente na prestação de favores a um terceiro, que se faz dependente desses favores. Nas palavras de Roberto Schwarz (2000):

[...] a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o 'homem livre', na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. *O agregado é a sua caricatura*. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre essas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo. (SCHWARZ, 2000, p. 15-16 grifos nossos)

Schwarz explica que a figura desse falso homem livre torna-se palpável justamente na imagem do agregado. Obviamente, existiam outros tipos, mas o agregado é a caricatura, é o acesso mais fácil que podemos ter ao conceito.

É importante destacar que a ideologia do favor começa a aparecer no Brasil com o grande proprietário de terras. Para Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997, p. 58), “[...] as facilidades de acesso a terra possibilitaram o ajustamento social do homem pobre pela sua incorporação a grupos rurais relativamente autossuficientes”. Esse desenvolvimento da exploração lucrativa da terra esteve presente no século XIX, em concorrência com a economia de subsistência, circunstância que possibilitou a criação de um novo homem social, o “morador em terra alheia” ou o “agregado”(IDEM).

Franco (1997) ainda explica que o ajustamento entre o proprietário rural e esse morador baseou-se em uma formada cordialidade. Através de entrevistas com pessoas que viveram tal período e organização social, a autora ainda mostra diversas faces de tal ideologia:

Esta era condição para que o agregado fosse acolhido: ‘se ia agradando, dava um jeitinho de ficar na terra. O fazendeiro também ia gostando dele, ia-lhe fazendo as vontades e ele acabava se encostando na fazenda. Era amigo; por isso estava lá, se não fosse, ia embora’. Este padrão é coerente com o caráter pessoal das relações entre eles e com o correlato esquema de dependência, que atingis as áreas mais íntimas da vida. (FRANCO, 1997, p. 100).



Nesse trecho, com o depoimento de um fazendeiro da época, fica clara que a relação entre o proprietário e o agregado deveria ser de amizade e que haveria certa cordialidade entre os dois, no entanto, posteriormente em seu texto, Franco deixa clara a dependência do agregado explicando o caráter de “retribuição obrigatória” que existia nessa relação. Conforme afirma a estudiosa, grande parte dos crimes cometidos nessa época, por interesse dos grandes proprietários, eram cometidos por esses agregados:

[...] os processos-crimes favorecem o exame do arranjo de domínio em que essa retribuição se insere, visto como o depoimento em juízo é das raras situações em que se pode perceber uma reciprocidade de dependência entre proprietário e homem sem posses. Quando incorporado à esfera da justiça, regulada por normas *gerais*, o homem pobre é despido de sua condição objetiva de dominado, de  *pessoalmente* submetido a um senhor, para revestir-se plenamente de suas prerrogativas de homem livre. (FRANCO, 1997, p. 102, grifos do autor).

Tais dados expostos pela autora comprovam como, com o surgimento do favor como forma de subsistência, na figura do agregado e do camarada, surgiu também um grande desequilíbrio entre o oficial e o prático. As próprias leis, baseadas em uma suposta igualdade, acabavam por beneficiar o proprietário, esquecendo de considerar a dependência desse falso homem livre que surgia.

Para Emília Viotti da Costa a classe dos agregados é inventariada pelas famílias burguesas, assim como eram os escravos. Costa(1999, p. 246) escreve sobre a imagem da típica família burguesa:

A fortuna concentra-se de preferência nas mãos de indivíduos brancos, a julgar pelo número de escravos que possuíam. Os indivíduos de maior posição social parecem ser os que ocupam cargos na burocracia civil ou militar, donos de lavras e comerciantes. Nota-se também o grande número de agregados livres que são arrolados como parte das famílias, ao lado dos escravos. (COSTA, 1999, p. 246).

Apesar dessa afirmação de Costa sobre a posição de escravo que poderia ser tomada pelo agregado há que se considerar também os jogos ideológicos expressos pela sociedade da época. Embora dependente, o agregado não será tratado exatamente como escravo, lembrando a posição de Damatta(1997, p. 77), de que na sociedade brasileira a regra é: “[...]ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir)”. Ainda segundo este autor :

Há em toda essa cadeia de relacionamentos sociais uma premissa profundamente brasileira: as pessoas posicionadas numa teia de elos pessoais passam a ser automaticamente tratadas como amigas e podem ser uma fonte potencial de recursos de poder como meios de manipulação social e político pelo favor. (DAMATTA, 1997, p. 88).

A partir de tais dados consideraremos esse agregado como ser intermediário, que é amigo, mas que também é utilizado como recurso social sempre que necessário, que é livre, mas que não o é.

## 2.1 O FAVOR NAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS

Essa relação de dependência entre proprietários e agregados, e essa nova classe social é amplamente explorada por Machado de Assis em seus romances. Ao utilizar-se de personagens, sendo elas protagonistas ou não das tramas, ele denunciava os valores sociais e a ideologia do favor presentes na sociedade em que vivia.

Em discussão sobre a obra de Machado e sua relação e denúncia da ideologia do favor, Therezinha Mucci Xavier produz um livro chamado *Verso e Reverso do favor no Romance de Machado de Assis* (1994), em que apresenta as relações que permeiam a ação das personagens machadianas e marcam a convivência entre elas. Uma relação de ajuda mútua, em que cada envolvido colabora com aquilo que melhor tem a oferecer ao outro. Porém, essa troca nem sempre gera resultados positivos. Nas obras de Machado, podemos dizer que

[...] trata-se do favor que gera, muitas vezes, o ócio, a dependência, a

servidão e constitui uma expressão da sociedade escravocrata do século XIX, intensamente estabelecido numa sociedade de caráter paternalista, apropriado a deixar assinaladas na escritura as marcas dos costumes da época [...]. (XAVIER, 1994, p.14).

Trata-se de personagens que não conseguem sobreviver por meios próprios, que vivem do favor e da bondade alheia sem fazer juízo moral algum sobre isso, pelo fato de serem também destituídos de alguns valores morais, fato este que os permite viver sem maiores remorsos sob os favores alheios e, até certo ponto, integrando-se à família que os abriga.

Isso nada mais é do que um reflexo de valores sociais que Machado de Assis percebia no meio em que vivia, são costumes que remetem a uma época em que a escassez de ofícios e a grande concentração de renda davam espaço para a entrada nas famílias dos “parasitas e os agregados”, que “[...] destituídos de meios de subsistência, viviam de favor, reafirmando, portanto, sua submissão” (XAVIER, 1994, p.15). São personagens que, de certa forma, tentam retribuir o abrigo que recebem do patrono da família de diferentes formas, pois, em sua maioria, desconhecem o que seria a força do trabalho. Sob esse viés, a estudiosa salienta que

[...] com a aguda consciência dos fatores que influem na dimensão da sociedade escravocrata do século XIX, Machado abre novas perspectivas para o estudo sociológico de seu texto literário, voltando-se para o “homem-livre”, deslocado da estrutura social, excluído do mercado de trabalho. (XAVIER, 1994, p.16).

Isso porque, na literatura produzida naquele período, a classe trabalhadora era muito pouco representada, apenas a burguesia, as famílias de posses e bem consolidadas eram representadas nas produções. O autor utiliza-se então deste argumento para mostrar uma porção da sociedade ignorada até então, homens que não tinham uma perspectiva de crescimento ou melhora social, que não tinham recursos nem espaço para essa transformação e que acabam entrando na zona do conformismo, pois não eram “nem escravos, nem senhores”, suprimidos do trabalho, tendo que viver como parasitas e participar de uma realidade, muitas vezes diferente da que fora seu objetivo de vida.

A construção de tais tipos de personagem foi o recurso estilístico encontrado

pelo autor para enfatizar sua crítica social a um sistema que direcionava parte de seus integrantes ao ócio, compondo seu jeito velado de tratar dos problemas da sociedade da época.

No entanto, Machado fora sempre acusado de manter-se afastado dos importantes problemas de sua sociedade contemporânea. Isso, talvez, porque o leitor, muitas vezes, não lhe percebe a intenção oculta, as meias palavras, as reticências, as entrelinhas e sente-se, frequentemente, embaraçado com suas manifestações intencionais, irônicas e maliciosas. Não obstante, ele ponderou sobre os males da escravidão e esboçou uma crítica da organização social que reinava na época. (XAVIER, 1994, p.18).

Machado de Assis é o autor das entrelinhas, para entender suas razões de escrever é preciso se atentar àquilo que parece não ter muita importância em sua obra. Com frequência, ele utiliza seus personagens como pretexto a algo mais amplo, como uma crítica velada a algo que, na sociedade, se apresenta totalmente escancarado.

O que causa a dependência entre os indivíduos, na obra de Machado, é a falta de uma atividade ocupacional rentável. Seja pelo fato de ser pobre, seja no caso de figuras femininas, por sua condição de mulher solteira, sem a proteção de um marido, esses personagens precisam de alguém que seja capaz de lhes prover o sustento e a segurança, dando em troca, aquilo que lhe estiver ao alcance, como, serviços, apoio, companhia ou, simplesmente, um pouco de atenção. Com isso,

Machado constrói o universo de suas personagens, interferindo em seu destino, mudando seus rumos e, muitas vezes, formando com elas um conjunto de negatividade, apontando, frequentemente, para o vazio histórico, econômico e cultural. Assim, seu discurso, embora denotando imparcialidade social, direciona-se para a sociedade que ele enfatiza, entrelaçada de conflitos, em cuja estrutura se enredam, também, os parasitas, concebidos, talvez, em momentos de pouca simpatia, para explicar a situação extremamente indolente e inativa de boa parte da sociedade brasileira urbana do século XIX. Nesta perspectiva de negação, com um sentimento importante da realidade, mostrando a face do brasileiro, vivo e pouco sério, é que Machado espalha em sua obra indivíduos que não desempenham função, que não se ocupam de algum mister. (XAVIER, 1994, p.27).

Tendo em vista tais pontos pretendemos salientar que, conforme visto na consideração da professora Therezinha Xavier, são personagens dependentes de outros, personagens que não se mantêm sozinhos, assim como os personagens

agregados, que são nosso objeto de estudo e atenção neste trabalho. Esse trecho serve ainda como confirmação do total domínio de escrita de Machado, a ponto de compor personagens que podem ser classificados em diferentes grupos, cada um refletindo uma porção da sociedade a qual pretende apresentar e representar em suas obras.

Voltando aos agregados de Machado de Assis, Xavier (1994, p. 33) define-os como sendo personagens que, de alguma forma:

[...] estabelecem um paralelismo de similitude com os agregados do século XIX. São também indivíduos que integram as famílias, como se fossem seus membros, destituídos de relações edificadas em liames de sanguinidade. Suas ligações são, simplesmente, arquitetadas nos princípios abstratos dos relacionamentos sociais. (XAVIER, 1994, p.33).

São personagens que não possuem nada: nem posses nem família própria. Porém, constituem-se numa dialética de afirmação positiva àqueles a quem estabelecem dependência, pois, somente ricos tinham agregados. Mantêm-se ligados às famílias que os recebem tanto por sentimentos, pelo fato se tornarem-se muitos próximos, quanto por deveres, estando em constante dívida com seu acolhedor, funcionando da seguinte maneira:

São-lhes concedida proteção e benevolência e, em contrapartida, há o dever moral de uma retribuição, pelo menos, para os que não suportam a vida parasitária. Assim, quando nada de essencial podem oferecer, destituídos que são dos próprios meios de subsistência ou despojados de algo significativo para aqueles a quem se acham sujeitos, os que vivem numa família como pessoas da casa, passam a ser, muitas vezes eles próprios, seus objetos para quaisquer finalidades. (XAVIER, 1994, p.33).

Por sua vez, esses personagens se agrupam ainda, na obra de Machado de Assis em dois conjuntos bem distintos: “[...] o primeiro, formando de personagens que se distinguem por alto grau de orgulho, não permitindo sua autonegação e recusando a total sujeição. Contrariamente, o segundo grupo [...] com aspectos marcantes de tendências à servidão” (XAVIER, 1994, p.33). De um lado temos personagens que lutam para manter sua condição de homem livre, de outro,

personagens acomodados, que se alicerçam no que seria uma “servidão voluntária”.

Dentre tantos agregados nascidos nas narrativas de Machado de Assis, importa-nos principalmente aqueles que fazem parte de *Dom Casmurro*. Para Xavier (1994, p. 47), as personagens de *Dom Casmurro* adotam comportamentos diferentes, dependendo de sua condição e posição social:

A classe privilegiada financeiramente, não dependendo de favores materiais para a sobrevivência, solicita outra espécie de obséquio, mas sempre com a promessa de retribuí-la; promessa que se torna, a maioria das vezes, um fardo pesado de carregar, um cálice amargo de sorver. Contrariamente, os que adquirem ajuda material consomem-se sem dar o equivalente econômico do que recebeu, ainda que o beneficiado não seja um parasita. Nesse caso, o discurso do texto é marcado por acentuado conteúdo paternalista, deixando transparecer unicamente a ação do benfeitor sem a reação ou transação do beneficiado. O autoritarismo é, então, ligado ao sistema do favor. (XAVIER, 1994, p.47).

Isso explica a relação de dependência que interpreta a sociedade brasileira do século XIX e caracteriza as personagens machadianas. Podemos dizer então que, o *favor* é a mola propulsora não só da ação das personagens agregadas na obra de Machado de Assis, mas também de toda a ação que move a narrativa que dá vida ao romance de Bentinho e Capitu. É a partir da relação de *favor* que percebemos a superioridade daquele que o pratica e a fragilidade dos laços estabelecidos a partir dele.

A reciprocidade da troca de favores é a pedra fundamental de *Dom Casmurro*, gerando as intrigas e dando vida às tramas da narrativa, que são percebidas desde o início da história quando Dona Glória promete aos céus fazer de seu filho padre se a este for concedida a saúde necessária para ter uma juventude saudável.

A troca da mãe gerou a troca antitética do filho. Se a protagonista reza, pedindo um *favor* e obrigando-se a pagá-lo, enviando o filho ao seminário, este também eleva sua alma a Deus, suplicando-lhe para livrá-lo de tal acontecimento e prometendo retribuir a graça com uma soma de outras orações. (XAVIER, 1994, p.72, grifo do autor).

Podemos perceber que essas personagens associam-se por relações de *favor*, gerando dependência, não somente ao que tange as relações econômicas, mas também no campo espiritual. Isso é caracterizado na obra através do vínculo da

promessa em que uma personagem pede uma graça e em troca promete algo que, segundo ela, agradaria a Deus. O que não deixa de ser uma relação de *favor*, gerando a necessidade de uma constante servidão a um propósito.

Assim, as graças espirituais que recebem D. Glória e Bentinho, os benefícios materiais de que se sentiam possuídos José Dias, Prima Justina, embora retratassem a postura comum do homem diante de Deus e do próximo, bastaram para estruturar complexamente uma narrativa. Formaram novas combinações de ideias e obtiveram aspectos diferentes do fato, a fim de, por meio de uma capacidade inventiva, compor um romance singular. (XAVIER, 1994, p.78-79).

Singular não somente em seu conteúdo, inovador para a época, mesmo que sendo construído de maneira velada; mas também na forma que autor escolhe para trazer à tona sua narrativa. Isso porque, ao pensarmos em Machado de Assis, o que deve ficar claro são sempre as escolhas formais feitas pelo autor, pois, nada em suas obras é dado ao acaso, como é o caso dos conceitos vistos até aqui, dos agregados e das relações de *favor*.

Estes são fruto de uma observação social, que é retratada na obra enquanto crítica, partindo de um autor que tem consciência daquilo que escreve, mas que, no entanto, não pode se valer de denúncias explícitas, tendo em vista a posição social que ocupa, ou seja, um sujeito burguês criticando a burguesia.

Assim, na complexidade do *favor*, espalhado por todo seu romance, há uma pluralidade de significados, asserções, generalizações e contradições, despidos de sentimentalismo e ilusão, envolvidos de dúvida e negação, constituindo, simultaneamente, indiferença e denúncia: denúncia à sociedade que o *favor* espelha, incidindo nos projetos do patriarcado, marginalizando indivíduos do processo econômico e eximindo-os da sujeição ao trabalho. (XAVIER, 1994, p. 117).

Essas marcas são todas inseridas nas obras de Machado permeadas de uma ironia única, marca da forma de escrever desse autor singular e que serve de recurso à sua crítica velada ao sistema.

Machado de Assis consegue transmitir com isso seu pouco apreço a essa porção da sociedade que, mesmo pertencendo ao estatuto de “homem livre” se caracteriza como sujeito sem ocupação rentável alguma. São eles os parasitas e os agregados, sujeitos dotados de certas marcas que aparecem nas obras do autor

como submissos a alguém devido ao fato de não possuírem subsídios que lhes proporcionem a vida independente.

O *favor* também não é dito como marca de grande valor para Machado, pois, apesar de construir a trama de Bentinho e Capitu basicamente toda pautada em tal relação, sua escrita tende mais à crítica que à defesa de tal modo de viver. Isso porque, aos olhos do narrador, se Dona Glória não tivesse feito a promessa, toda a trajetória de seu filho teria sido diferente. Observa Xavier que ,

[...]não é gratuita, assim, a exposição, em seu discurso, da inutilidade, da negação, dos desencantos do *favor* transformado, inúmeras vezes, em palavra vã, associada a um pessimismo disfarçado em humorismo, em postura neutra, em atitude passiva, irônica e reticente. Tudo porque o *favor* ilude e desilude, não passando de uma forma camufladora de dar que, geralmente, oculta o sentimento egoísta daquele que o pratica. (XAVIER, 1994, p.117).

De certa forma, isso nos leva a pensar que, talvez o autor não aprecie tal forma de dependência pensando ser este o segredo do ócio, tão observado na sociedade da época. Isso porque, a partir do momento que o indivíduo encontra outra forma de manter sua subsistência, que não a força do trabalho, ele tende, inevitavelmente, a se acomodar junto àqueles que podem lhe prover tal condição, pensando sempre em benefício próprio, e não no bem-estar daquele que lhe estende a mão.

A arte de Machado de Assis é sempre marcada por representações que nos remetem a problemas sociais, mesmo que estes sejam encaixados de forma sutil em sua narrativa. O humor tornou-se uma de suas marcas, além da produção de obras recheadas de ironia, provocações ao leitor e imparcialidade.

Machado de Assis não perdera seu tom reticente, sua maneira de deixar as coisas incompletas, de fazer seu texto estabelecer com o leitor um espaço para sua recriação. E este espaço, mergulhado no silêncio, é que fala mais, que atormenta mais, que exige mais reflexão, que faz indagar, questionar e buscar respostas. Respostas que, às vezes, não vêm porque são inalcançáveis, diferentes das que o narrador não apresenta, porque as quer dissimiladas. (XAVIER, 1994, p.119).

Esse é o caso sobre o questionamento do *favor*, pois, essa relação, uma vez estabelecida, nunca será findada, o que dá início a um sistema em forma de círculo



em que um favor dará início a outro, devido à dependência que gera, envolvendo, no caso da trama de Machado, sujeitos com posses diferentes, o que impedirá uma das partes de sanar totalmente sua dívida para com a outra, se pensarmos em valores. Com tal estrutura, o que se pode ver é que

[...]quaisquer que sejam as causas dos legados machadianos, seus efeitos não foram em nada venturosos para as personagens, mas significativos para o desenvolvimento das tramas, dos conflitos e dos enredos. Também importantes foram as outras modalidades de *favores* que Machado de Assis inseriu em seus textos, contornando-os sempre com surpresas e artimanhas; confundindo-os com o poder e a ambição; procurando extrair-lhes o máximo de significação. (XAVIER,1994, p. 120).

Baseados em tais colocações da autora procuraremos a partir desse ponto desvendar algumas das modalidades de favores presentes nas personagens Dona Glória, Bento Santiago, José Dias e prima Justina, considerando os dois primeiros como proprietários, burgueses, e os dois últimos como agregados, dependentes do favor, além de buscar verificar como a ambição, a necessidade e o poder se revelam em cada um.

### 3 A CLASSE DOS PROPRIETÁRIOS EM *DOM CASMURRO*

Há que se considerar que, em *Dom Casmurro*, há duas classes sociais representadas em personagens: a classe dos proprietários e a dos agregados. Dona Glória e Bento Santiago aparecem no enredo como a primeira classe, a dos provedores, envoltos pela contradição entre o poder aquisitivo e a submissão a normas sociais e comportamentais que viriam juntamente com os bens. A segunda classe é representada por outras diversas personagens que se mostravam dependentes do favor, neste trabalho, estudadas principalmente na figura de José Dias e prima Justina.

O presente capítulo tem por objetivo descrever esse dilema vivido pelos proprietários, Dona Glória e Bentinho que, presos a normas do ideal de vida burguesa, tinham dificuldades em viver seus papéis, principalmente no que tange às restrições e exigências de caráter separatista entre o sexo feminino e o masculino.

#### 3.1 DONA GLÓRIA

Dentre as personagens que não estão ao centro da trama, mas que mesmo assim se inscrevem como representações fortes e indispensáveis ao romance de Machado, destacamos, primeiramente, Dona Glória, uma das personagens femininas do autor que será retratada como inquieta, porém, ligada às suas raízes. Isso porque, apesar de lançar mão de vários novos ideais em sua obra, o escritor ainda se mantém fixo à representação da sociedade em que estava inserido, denunciando os moldes patriarcais da época, o que nos leva a perceber a submissão ainda presente nas mulheres de *Dom Casmurro*, apesar da força nata que trazem em si, como no caso de Dona Glória: matriarca da família e chave importante para a fusão de todas as outras personagens da obra.

Dona Glória, mãe de Bento Santiago, aparece na trama como a representação da mulher burguesa da época. Ficou viúva muito jovem, ainda aos trinta e um anos de idade. Não se casou novamente. Continuou vivendo devota à

família e à memória do marido. Segundo o narrador, a viúva preferiu continuar a vida próxima da igreja onde fora sepultado o seu marido. Vendeu a fazenda que possuíam e os escravos, comprou alguns prédios e apólices e mudou-se para Matacavalos. Bento Santiago afirma que era ainda bonita e moça aos quarenta e dois anos de idade, mas que teimava em esconder a juventude. “Vivia metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto, dobrado em triângulo e abrochado ao peito por um camafeu” (ASSIS, 2010, p.29), conforme os costumes da época para as mulheres que, tendo perdido o marido, deveriam manter luto quase eterno em memória do homem da casa.

Essa dedicação à família, fazendo mesmo com que a personagem recusasse a juventude pode ser explicada pela própria organização social da época conforme menciona Maria Ângela D’Incao (2012, p. 223), ao descrever a mulher burguesa do século XIX:

Presenciamos [...] nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcaram o processo de urbanização do país. (D’INCAO, 2012, p. 223).

Esses ideais burgueses de valorização da família eram pautados principalmente em conceitos do catolicismo, ideologia dominante na época, por isso, além de encarnar a figura de boa esposa e viúva, D. Glória era extremamente devota a Deus. Por adoção dessa conduta, era tratada como santa por todos na casa. Em virtude de sua devoção, quando grávida de Bentinho, tendo nascido morto o seu primeiro filho, a personagem “[...] pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja”. (ASSIS, 2010, p.34). A viúva não contou ao pai de Bentinho de sua promessa feita, esperava fazê-lo quando o filho entrasse para a escola, mas ficou viúva antes disso.

Apesar da promessa a viúva também sentia em separar-se do filho, adiava a ideia, mas não via outra saída. D. Glória encarna o estereótipo da boa mulher de família burguesa e, segundo a trama, talvez o fizesse mesmo sem perceber, pois foi educada para o ser, sem entender outra forma de vida.

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa [...] redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam 'educar' a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família. [...] Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole. (D'INCAO, 2012, p. 230).

A mulher burguesa teve de aprender a ser casta até mesmo no relacionamento sexual com o cônjuge, e mesmo que tenha ido morar na cidade, conforme informa Emília Viotti da Costa (1999, p. 237), "As áreas urbanas funcionarão assim, frequentemente, como extensão do domínio do grande proprietário rural". Dessa forma, a mulher burguesa foi forçada a continuar vivendo a segregação em que a mulher de classe alta vivera nas zonas rurais. Imperava na cidade como no campo uma severa ordem patriarcal. Segundo a autora, para as mulheres da época era difícil até mesmo sair às compras, elas costumavam mandar vir das lojas as amostras de mercadorias que desejavam comprar, exerciam funções exclusivamente domésticas, limitadas no convívio social. Dona Glória está, na grande maioria das vezes, à disposição de seu filho, pois fora criada em uma cultura em que a divisão entre os sexos determinava o lugar na sociedade que cada um deveria ocupar, no caso dessa personagem, esse lugar seria o lar. Nesse sentido, Pierre Bourdieu(2002, p.14) afirma que "[...] a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável [...]"o que justificaria a submissão feminina e uma aparente não consciência dessa condição.

Xavier, ao tratar das heroínas de Machado de Assis também comenta sobre o perfil da mulher burguesa do século XIX:

Os principais atributos femininos que predominaram no século XIX foram passividade, dependência, emocionalidade. No que se refere aos parâmetros exigidos como ideais para a mulher tradicional. Nelly Novaes Coelho, além de outros, ressalta o amor, o casamento a virgindade, a modéstia, a submissão voluntária. Esses foram os valores que a civilização liberal cristã-burguesa ofereceu à mulher. (XAVIER, 2005, p. 41-42)

Dona Glória encontra-se exatamente no entremeio de tais questões, pois, como citado anteriormente, com a morte do marido, ganha poder aquisitivo e uma maior representação social, pois seria responsável pelas finanças e pela conduta das atividades da família. Por esses motivos, a personagem representa algum poder de decisão, embora demonstre certa dificuldade na tomada e execução dessas decisões sozinha. Para tanto, precisa de conselheiros e do apoio da família, sem abrir mão, em certos momentos, do poder que lhe é concedido.

Por uma nova perspectiva, apesar de tal personagem ganhar poder aquisitivo, e certa liberdade para lidar com as finanças após a morte do marido, continuava sofrendo com a ordem patriarcal. Damatta (1997, p. 89), ao fazer uma análise da obra *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, traz um enunciado sobre a viúva que muito bem se aplica à Dona Glória:

[...] numa sociedade como a brasileira, onde a mulher é englobada jurídica e politicamente pelo marido (embora ele seja englobado por ela dentro da casa - e há exemplos abundantes desta percepção em todos os livros desta fase de Jorge Amado), a viuvez situa a mulher numa terra de ninguém. Não é mais moça, porque não é virgem; mas não sendo mais virgem, não pode sair à rua, porque não tem marido e pode ficar falada. Quer dizer, a viúva, conforme percebe muito bem o autor, tem todas as desvantagens da moça solteira e da mulher casada. (DAMATTA, 1997, p.89)

Pelo ideal de família burguesa a mulher deveria conviver quase que exclusivamente com a família, como o faz D. Glória, tomando assim a alcunha de santa pelos que estão próximos dela. Além disso, D. Glória aparece quase que em todas as cenas a pedir conselhos aos que moravam com ela. Isso demonstra a falta de segurança em tomar grandes decisões sozinha. O próprio poder de aconselhamento que possuía José Dias, como será demonstrado mais adiante nesse trabalho, comprova como a viúva precisa do apoio dessas figuras secundárias para a execução e para a tomada de decisões em relação aos mais diversos temas.

Nesse sentido, a personagem D. Glória alterna seu comportamento, entre submissão a certos padrões patriarcais e à força de vontade e execução de suas vontades. O principal motivo para esses momentos em que deseja força, no entanto, é o cumprimento de seus ideais religiosos. Quando o filho lhe confessa não sentir ter vocação para padre, a viúva fica aflita, todavia custa abrir mão da promessa, como

conta o narrador:

Como eu buscasse contestá-la, repreendeu-me sem aspereza, mas com alguma força, e eu tornei ao filho submisso que era. Depois, ainda falou gravemente e longamente sobre a promessa que fizera; não me disse as circunstâncias, nem a ocasião, nem os motivos dela, coisas que só vim a saber mais tarde. Afirmou o principal, isto é, que a havia de cumprir, em pagamento a Deus. (ASSIS, 2010, p.79)

Nesse momento, a viúva já não queria enviar o filho ao seminário, não queria a separação, mas não encontrava outros meios para cumprir a dívida com Deus. O narrador ainda explica: “Todas essas coisas e outras foram ditas um pouco atropeladamente, e a voz não lhe saía clara, mas velada e esganada. Vi que a emoção dela era outra vez grande, mas não recuava de seus propósitos [...]” (ASSIS, 2010, p.79). Nesse caso, a força da viúva está ligada quase que unicamente ao seu temor a Deus, enraizado pelo catolicismo dominante na época. Apesar de sua própria vontade, a viúva não encontra coragem para enfrentar a situação, dando a ela um rumo diferente, nem consegue pensar em soluções para livrar-se da promessa que fez, demonstrando quão dúbia é sua força.

Por outro lado, Dona Glória, nesse momento, apesar de guiada pelas leis do catolicismo, faz uma escolha ao dizer que o filho deveria ir para o seminário. Mesmo guiada pela crença em uma força maior, a personagem faz uma escolha e esse poder de escolha lhe é concedido socialmente. Esse é o principal ponto de conflito na análise da personagem, na qual a submissão a uma sociedade patriarcal, reafirmada por sua posição social como mulher burguesa, é formada pelo mesmo motivo que a torna livre para fazer escolhas.

Em certo momento do romance, Dona Glória fica acamada por alguns dias, em virtude de uma febre, estando o filho já no seminário, o que se sucede é contado pelo narrador da seguinte maneira:

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que *ordenou* que me mandassem buscar ao seminário. Em vão Tio Cosme:  
 - Mana Glória, você assusta-se sem motivo, a febre passa...  
 - Não! Não! Mandem buscá-lo! Posso morrer, e a minha alma não se salva, se Bentinho não estiver ao pé de mim.  
 - Vamos assustá-lo.  
 - Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, já, já, não se demorem.  
 (ASSIS, 2010, p. 112, grifo nosso).

Nesse trecho, é perceptível o poder da viúva, pois, as palavras do narrador não são escolhidas ao acaso. Dona Glória *ordena* que o filho seja trazido do seminário e não se deixa levar pelos conselhos do irmão Cosme. Mesmo que ainda preocupada com valores católicos, falando na salvação de sua alma, ainda assim, mesmo que por tal motivo, em maiores dificuldades quando julgava extremamente necessário, sabia seu lugar, e sabia do poder que lhe era conferido, não apenas na condição de pedir ajuda aos seus agregados, como também de exercer sua autoridade e se fazer atendida em seus desejos, sempre que necessário.

No entanto, conforme citado anteriormente, a personagem também está presa a certas necessidades criadas pelo ideal de família burguesa, a qual determina o lugar ocupado pelas mulheres, que, apesar de lhe conferirem certo poder, exigiam-lhe demasiada respeitabilidade para isso. A questão é que essa respeitabilidade deveria ser adquirida de formas muito específicas, como já explicado nas palavras de D’Incao (2012), a articulação com os familiares e agregados era de extrema importância para a mulher burguesa, funcionando como forma de proteção do mundo externo. Enquanto ela favorecia os agregados com casa e comida, esses, por sua vez, favoreciam-na com a administração da vida cotidiana, compartilhando uma necessidade mútua de um e de outro. Luis Filipe Ribeiro (1996, p. 297) também explica essa relação:

A mãe de Bentinho, tendo enviuvado cedo passa a morar com um irmão, tio Cosme, e com uma prima, Justina, ambos igualmente viúvos. Este é um primeiro traço característico, em que Machado não inova frente ao romance anterior. Uma mulher nunca pode morar só, se é honesta: ou mora com a família, ou com o marido. Ela e a prima, uma vez viúvas, reúnem-se a um homem, irmão e primo, para reconstituírem um núcleo familiar aceitável e respeitável. Além de resolver um problema econômico, já que D. Glória, por estar dotada de recursos mais abundantes, arca com a manutenção da casa, parentes e agregados fazem-se companhia uns aos outros e se dão, em conjunto, a respeitabilidade indispensável a uma família de gente de bem. (RIBEIRO, 1996, p. 297)

Nessa dialética de proteção da mulher, a personagem de D. Glória pode ser vista justamente como um contraste à forte Capitu, para que essa salte ainda mais aos olhos durante a leitura do romance. D. Glória, apesar do poder aquisitivo, não sai do espaço que lhe é conferido como mulher, enquanto Capitu, durante quase toda a trama, ultrapassa esse limite pré-definido.

Apesar da comparação entre as personagens D. Glória e Capitu, havia

também, segundo a literatura, uma grande diferença comportamental entre a mulher burguesa representada por D. Glória e as mulheres de camadas inferiores. As últimas gozavam de uma liberdade de circulação e independência desconhecida das que integravam a elite, aparecendo frequentemente como chefe de família, exercendo suas atividades livremente. (D'INCAO, 2012).

Nesse sentido até mesmo um pouco do contraste entre a liberdade que possuía a consagrada personagem Capitu, que pouco se prendia aos padrões patriarcais, e D. Glória, que estava mais presa a tais padrões, pode ser entendido como um fato social da época, já que Capitu não pertencia à família burguesa e D. Glória foi educada dentro de tais ideais, pois, segundo o narrador, ela “[...] era filha de uma senhora mineira, descendente de outra paulista, a família Fernandes” (ASSIS, 2010, p.21), descrição esta que nos sugere certa tradicionalidade quanto à sua linhagem, confirmada quando há menção a seus bens materiais.

### 3.2 BENTO SANTIAGO

Bento Santiago é o narrador do romance, é quem possui o poder da enunciação. A fala e a imagem dos demais personagens são dependentes de sua visão, apesar disso, ao contar sua história, deixa pistas de sua personalidade e de como fora influenciado pela sociedade em que estava inserido. No início da narrativa ele é Bentinho, menino ingênuo, criado pela mãe viúva e sem irmãos, vê na mãe sua heroína e é influenciado por essa visão durante toda a vida, mesmo depois que amadurece e torna-se Bento Santiago, advogado e herdeiro da família.

Ribeiro (1996) chama a atenção para o fato de como a visão que Bentinho possui de Dona Glória influencia o julgamento que o posterior Bento Santiago faz de sua esposa Capitu. O autor comenta o fato de que D. Glória vive para a família, e ainda, que essa posição, vista como natural para Bentinho, influencia também no julgamento que esse faz de Capitu, já que esta possui condutas completamente opostas às da mãe, exemplo de mulher que tem:

O papel de viúva revela-se, em cada detalhe: na sonegação de beleza restante, no modo de vestir e na dedicação total e absoluta às coisas da



casa, sem ter tempo de pensar em si mesma. Era esta, na visão do filho, a função natural de sua mãe viúva, com a leve concessão em admitir a sua beleza ainda viçosa. Os parágrafos que se seguem insistem na tese do seu casamento perfeito e de uma felicidade comparada à sorte grande na vida, em contraste com todos os casamentos efetivamente narrados na obra do romancista. Servirá, por certo, D. Glória de útil contraste na construção da imagem de Capitu; e o seu casamento como o modelo que esta última destruiu... (RIBEIRO, 1996, p. 298).

Nesse caso, Bento Santiago, como homem e futuro chefe da casa, seria também protegido pela ordem patriarcal e o ideal de família burguesa da época. Por esse motivo, era incapaz de perceber essa ideologia maior, que de certa forma controlaria o comportamento da mãe. Quando menino, definia a mãe como santa e aprendeu que aquele deveria ser o comportamento correto para uma mulher em sua época. No entanto, a partir do momento que assume que aquele era o comportamento correto da mulher é possível deduzir que, mesmo que inconscientemente, aprende também qual seria o papel do homem, de provedor e de administrador. Porém, apesar de definir tais papéis, passou a juventude sem ser capaz de administrar seus próprios atos, sendo, durante todo esse período, ofuscado pela engenhosidade de Capitu.

Historicamente explicando, D’Incao (2012) fala sobre essa dependência dos homens da época e a maneira como a imagem da mulher o colocava socialmente em exposição:

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, [as mulheres] significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social. (D’INCAO, 2012, p. 229-230).

Isso demonstra que a imagem da mulher espelhava também a imagem do homem e a imagem que a mulher burguesa deveria ter era essa, de cuidado do lar e da prole, seu território era o lar, enquanto o homem controlava as finanças e o espaço público. Capitu ultrapassou esse espaço algumas vezes. Um exemplo disso ocorre depois de casados: Capitu recebia uma certa quantia mensal em dinheiro do

marido para gastos pessoais, entretanto, apareceu, de repente, com dez libras esterlinas, que havia economizado em dinheiro cujo câmbio fora efetuado com o auxílio de Escobar (ASSIS, 2010). Bento Santiago se mostra surpreso na narrativa, e, mesmo que afirmasse certa admiração pelo fato de possuir esposa tão astuciosa, no fundo, sentia-se ameaçado, pois quando Capitu demonstra controle sobre finanças, sai do espaço que lhe é concedido como esposa e entra em território masculino.

Essa posição de desconforto pode ser explicada pela transformação que ocorre em Bentinho, que, se quando criança incorporou os valores patriarcais, mas era submisso e ainda não entendia direito sua posição, sendo guiado por Capitu e refém da influência dos agregados de sua casa, ao crescer, no entanto, passa a reconhecer sua posição de homem, de patriarca, de Bento Santiago. A respeito disso, quando já pai e morando no bairro da Glória, onde o agregado José Dias lhe fazia visitas periódicas, há uma passagem em que Bento pergunta a José Dias o porquê de sua mãe não o visitar com mais frequência. A essa interpelação, o agregado responde que tem andado adoentada. Em seguida, o narrador conta: “Quis observar-lhe que que tal razão explicava a interrupção das visitas, e não a frieza quando íamos nós a Matacavalos; *mas não estendi tão longe a intimidade do agregado*” (ASSIS, 2010, p.169, grifo nosso).

O ponto destacado indica claramente a alternância de posições entre Bentinho e Bento Santiago e pode ser a justificativa para todo o conflito vivido posteriormente no casamento com Capitu. A partir de tal perspectiva, pode-se entender que o ódio que passa a sentir por Capitu, possa ter sido alimentado não por uma real traição no casamento, no entanto, por uma inversão de posições que esse não conseguiu controlar por tantos anos. Bento Santiago queria agora tomar o controle da situação, colocar cada qual em seu lugar.

Ribeiro (1996) explica que essa posição de Bento Santiago é utilizada por Machado de Assis para criticar os valores da classe dominante do século XIX:

Bentinho, se não é um aristocrata como o seu antecessor, situa-se, muito à vontade, entre os membros da nossa classe dominante, podendo, perfeitamente, expressar os valores que configuram as ideologias aí em curso. Assim, sua atitude como narrador pode significar que Machado de Assis tenha pensado em, novamente, colocar os valores de uma classe no discurso de um de seus membros, para permitir-se ficar à sombra e lançar suas farpas, de quando em vez, de forma a relativizar a dose de verossimilhança com que o livro deva ser recebido. (RIBEIRO, 1996, p. 296)

Dessa forma, fica clara a evolução que sofre o personagem Bentinho, que de menino inocente passa a patriarca e reaviva esses valores presentes na sociedade da época, porque sente a obrigação de se tornar o que nunca fora anteriormente acaba destruindo até mesmo a felicidade que construíra. Bento Santiago é um personagem que sofreu a pressão dos padrões de vida burgueses, da sociedade patriarcal e que porque vivera até então no entremeio, sem ocupar uma posição de patriarca. De acordo com a ideologia dominante, a ocupação do centro do poder deveria ser sua, entretanto, ele acaba perdendo o controle quando assume essa posição. Para não demonstrar sua fraqueza às pessoas com as quais convive, Bento acaba enviando a família para a Europa, sem jamais contar a ninguém, nem mesmo deixar claro a Capitu que queria uma separação. Logo, para a sociedade que o cercava, aparentemente, ele era o patriarca, mesmo que longe da família, dessa maneira a personagem sentia que possuía um domínio maior da situação.

## 4A CLASSE DOS AGREGADOS EM DOM CASMURRO

Em *Dom Casmurro*, são apresentados dois graus um pouco distintos de agregados. O primeiro e mais gritante na caricatura é José Dias, que não possui grau algum de parentesco com a família Santiago. Esse personagem é simplesmente um agregado e está um pouco mais afastado do núcleo, em uma parte mais profunda da nebulosa. O segundo é visível na personagem prima Justina, que possui grau de parentesco com a família, não podendo, portanto, ser inventariada como escrava, uma vez que se encontra, dessa maneira, mais próxima ao núcleo. Ambos os personagens encontram-se próximos à periferia social e necessitam desse parasitismo como forma de sobrevivência na sociedade.

### 4.1 JOSÉ DIAS

José Dias é considerada personagem secundária na trama, faz mais aparições no início do texto, tendo sua voz diminuída com o avanço da narrativa e do tempo, no entanto, sua figuração pode ser lida como uma importante denúncia de uma classe social abundante nos anos em que se passa a história, por esse motivo, torna-se muito interessante a discussão de qual é sua real importância dentro do texto e como arquivo histórico.

A personagem aparece na trama primeiramente por sua própria voz, transcrita de forma direta pelo narrador: “D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário? Já é mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade”. (ASSIS, 2010, p. 24). Após ser indagado sobre tal assunto, José Dias afirma que tem notado Bentinho pelos cantos com a filha do “tartaruga”, o velho Pádua, em sua descrição em que se evidencia certa maledicência e má vontade contra quem ele supõe inferior na escala econômico-social, obviamente vendo-se a si mesmo como um igual na casa dos Santiagos. Posteriormente, José Dias afirma que se os jovens comessem a namorar a viúva teria muita dificuldade em separá-los.

Dessa forma, a personagem embora descrita como secundária, já inicia o romance sendo de crucial importância para o desenvolvimento da trama. É a

denúncia de José Dias que faz Dona Glória relembrar a promessa de que Bentinho frequentaria o seminário e seria ordenado padre, embora ela buscasse todos os artifícios para adiar a lembrança. José Dias continua a narração dos fatos e a descrição das personagens de sua denúncia: “Bentinho é que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira, que... *Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece que todos têm a alma cândida..*”. (ASSIS, 2010, p. 24, grifos nossos). Nesse trecho, é possível notar que José Dias possui certo poder de enunciação dentro da casa grande, embora seja cuidadoso com os resultados, como nota-se no trecho destacado.

Mais à frente o narrador conta como o agregado passou a fazer parte da família. Conforme a narração de Bento Santiago, um dia apareceu ali, vendendo-se por médico homeopata, levava um manual e uma botica. Havia então um surto de febres, José Dias curou o feitor e uma escrava e não quis receber nenhuma remuneração. O pai de Bentinho então propôs-lhe ficar vivendo ali com um pequeno ordenado, o agregado recusou, dizendo que deveria levar saúde aos pobres, o patriarca afirmou que poderia ir onde quisesse, contanto que morasse com eles. José Dias afirmou voltar após três meses, mas voltou após duas semanas. Quis morar na casa sem ordenado, mas aceitando comida e o que quisessem lhe dar por festas. Ganhou um quarto ao fundo da chácara, mas quando se deparou com outro surto de febre e o pedido do patriarca para que fosse ver os escravos confessou, finalmente, que não era médico. Afirmou ter tomado este título para a propaganda da nova escola (a homeopatia) e disse não tê-lo feito sem estudar muito, mas que a consciência não o permitia aceitar mais doentes. O pai de Bentinho nesse momento lembra o agregado de que ele havia curado outras vezes, ao qual o tal responde:

Creio que sim; o mais acertado, porém é dizer que foram os remédios indicados nos livros. Eles, sim, eles abaixo de Deus. Eu era um charlatão... Não negue; os motivos do meu procedimento podiam ser e eram dignos; a homeopatia é a verdade, e, para servir à verdade, menti; mas é tempo de restabelecer tudo. (ASSIS, 2010, p. 26).

A partir de tais dados narrativos é possível criar uma imagem do caráter do agregado, José Dias, sendo possível detectar que provavelmente buscou o ingresso na família, apesar de dissimular a atitude. Depois de ser incorporado à família não

há dados de que tenha continuado o trabalho com a homeopatia e até recusa a tal medicina como será comprovado mais a frente no texto. Para além disso, já demonstra grande artilosidade quando faz um belo discurso, que encanta, mas que é paradoxal quando afirma que mentiu para servir à verdade.

O que levou José Dias à busca daquela família burguesa foi exatamente a lógica do favor, conforme explicada por Schwarz (2000). A família de Bentinho é exatamente o modelo de família burguesa e escravocrata presente no período colonial. O pai, dono de terras, é chefe da família patriarcal. Bentinho é filho único e herdeiro muito esperado, tanto que sua mãe, Dona Glória, muito religiosa, fez uma promessa para garantir seu nascimento. José Dias então entra na família justamente como o agregado de que fala Schwarz, é o falso homem livre produzido na sociedade escravocrata. Ele precisava da ajuda dos grandes para conseguir sustento e um espaço na sociedade. José Dias procurava por uma família como a dos Santiago e a encontrou.

Ainda para Schwarz (2000, p.17) “O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais”. José Dias dependia, portanto, do apoio da família Santiago, fazia parte dessa cultura interessada, e em troca fazia serviços pessoais para a família.

Em primeiro momento o agregado foi morar de favor como médico, mas, após confessar não o ser, passou a funcionar como uma companhia, uma distração, pois segundo Bento Santiago, “Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ao explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor, do frio, dos polos e de Robespierre”. (ASSIS, 2010, p. 27). Ganhou a confiança e até o afeto da família, pois, “[...] tinha o dom de se fazer aceito e necessário, dava-se por falta dele como de pessoa da família” (ASSIS, 2010, p. 27).

Nesse sentido, o que Machado constrói com a personagem José Dias é uma forma muito importante de denúncia dessa nova classe social que surgia em meados do século XIX. O favorecido, travestido de homem livre e encoberto por adornos burgueses era na verdade um dependente, um ser que se não se utilizasse do parasitismo teria pouco ou nenhum espaço na sociedade.

Lastreado pelo infinito de dureza e degradação que esconjurava – ou seja a escravidão de que as duas partes beneficiam e timbram em se diferenciar – este reconhecimento é de uma convivência sem fundo, multiplicada, ainda pela adoção do vocabulário burguês da igualdade, do mérito, do trabalho, da razão. Machado de Assis será mestre nestes meandros. (SCHWARZ,

2000, p. 18)

José Dias divertia a família, e, embora Bento Santiago afirme que a personagem possuía o afeto de um familiar, há vários indícios que provam o contrário. Na realidade, o agregado não era como um familiar na prática, para além das palavras burguesas de igualdade, nota-se que a personagem encontrava-se muito mais à margem social e que, no fundo, poderia ser inventariado como escravo, exatamente como explicado anteriormente, nas palavras de Costa (1999).

O primeiro elemento que coloca José Dias nessa posição da dependência, da “nebulosa”, e do favorecido é exatamente o espaço geográfico que ocupa. O quarto que ganhou era aos fundos da chácara, tratavam-se como amigos, mas o agregado não dormia na casa dos Santiago. Esse fato, aparentemente de pouca importância denuncia uma ideologia maquiada. A questão do espaço concedido ao agregado é muito importante para delimitar sua posição, apesar de todas as máscaras criadas através das palavras, apesar do afeto demonstrado pela família.

Damatta(1997, p. 19)explica essa importância da definição de espaço geográfico para a segregação social: “pode-se dizer que o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado ou ‘embebido’ como diria Karl Polanyi - em outros valores que servem para a orientação geral”. Damatta(1997)ainda utiliza-se do espaço para expor as relações sociais presentes nas grandes cidades, ou ambientes de trabalho em que a denominação de “embaixo” designa geralmente uma parte mais excluída da sociedade, quem mora ou trabalha “embaixo” está realmente abaixo no escalão social do que quem mora e trabalha “em cima” ou na parte alta da cidade. Colocando essa relação em uma ordem horizontal, entendendo que a casa grande ocupa o espaço da frente ou central da propriedade, os fundos da chácara, onde fica o quarto de José Dias, também delimitam um espaço marginalizado. Voltando às palavras de Reis, a casa grande é a morada do núcleo social, José Dias mora nas terras da chácara, mas ao fundo, sua posição é exatamente a “nebulosa”, nos arredores do “núcleo”, mas sem pertencer a ele.

Pela lógica do favor, mesmo disfarçadamente, a personagem em questão reconhecia esse espaço a que deveria ser submetida, ou seja, reconhecia seu “lugar” e entendia que, ainda que possuísse outros desejos, era preciso mostrar que

se conformava com ele para que fosse digno de outros agrados. Essa ideologia é comprovada com o fato de o agregado não exigir ordenado, mas aceitar o que quisessem lhe dar por festas. Para Damatta(1997, p. 26-27)

O mundo diário pode marcar a mulher como o centro de todas as rotinas familiares, mas os ritos políticos do poder ressaltam apenas os homens; a vida diária centra a vida da casa nos adultos, mas num cerimonial como o do natal as crianças adquirem uma importância extraordinária; as regras normais de denominação e trabalho se certificam da manutenção da hierarquia e das fronteiras rígidas entre as pessoas que representam essas posições no desenrolar da vida comum, mas no estruído do carnaval essas posições podem perfeitamente se inverter. (DAMATTA, 1997, p. 26-27).

No trecho acima, fica clara a segregação social existente, a distância vertical que existe entre o detentor do poder e o agregado e que é encoberta pelo favor, historicamente descrevendo a sociedade do século XIX. O agregado reconhecia seu lugar e sabia que só poderia claramente modificá-lo em ocasiões de festas, em que essa movimentação é permitida pela classe detentora do poder.

Apesar da clara necessidade do agregado do apoio da família, o favor é uma via de mão dupla, e José Dias se fazia de útil ainda que aos caprichos do ego da família burguesa. O agregado afirmava ser a família de Bento, abaixo de Deus, tudo para ele. (ASSIS, 2010, p. 27) Esse engrandecimento da família Santiago por José Dias também pode ser explicado pela obra de Schwarz(2000, p. 18):

Ao legitimar o arbítrio por meio de alguma razão 'racional', o favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitor, que por sua vez não vê, nessa era de hegemonia das razões, motivos para desmenti-lo. [...] A compensação simbólica poderia ser desafinada, mas não era mal agradecida. (SCHWARZ, 2000, p. 18)

O agregado agradecia o favor, mas também se esforçava por merecê-lo. Queria realmente fazer parte da família burguesa, além das leituras, queria transmitir gestos de fidalguia, as roupas eram sempre elegantes, mesmo que fizesse economia, e a aparência do andar, conforme descreve o narrador: “Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão [...]” (ASSIS, 2010, p. 25). Até os gestos eram calculados, de forma elegante, denunciava também a premeditação que possuía.



Essa malícia da personagem notada pelo narrador do romance, no entanto, só é descrita porque quem narra o romance não é o jovem Bentinho e sim Bento Santiago, mais tarde apelidado de Dom Casmurro, que em idade mais madura e com mais experiência, vê e narra os fatos por outro ângulo. Bentinho, o jovem pertencente ao núcleo, inocente, também era interpelado pela ideologia do favor, logo, percebe que José Dias possui influência em sua casa, mas não percebe exatamente a influência que poderia ter sobre José Dias.

Por outro lado, nota-se como a ideologia do favor atua de forma diferente entre aqueles que também são favorecidos. Entre os outros agregados da casa, percebe-se clara malícia ao comentarem as atitudes de José Dias. É como se aqueles que estão juntos na nebulosa disputassem, ainda que de forma velada, o espaço mais próximo ao núcleo. Todos se reconhecem e assim entendem melhor as intenções de seu igual.

Capitu, que também fazia parte da nebulosa, não sendo de família nobre, é quem diz a Bentinho que ele deve recorrer a José Dias para não ir ao seminário, ela afirma que Bentinho deve falar com ele e explica:

Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, *mostre que há de vir a ser o dono da casa, mostre que quer e que pode*. Dê-lhe bem a entender que não é favor. Faça-lhe também elogios; ele gosta muito de ser elogiado. D. Glória presta-lhe atenção; mas o principal não é isso; *é que ele, tendo de servir a você, falará com muito mais calor que outra pessoa*. (ASSIS, 2010, p. 47, grifos nossos).

Capitu reconhece a dependência de José Dias e usa essa dependência a seu favor, mostra a Bentinho que se ele demonstrasse reconhecer seu poder, como dono da casa, José Dias não poderia lhe negar o pedido. Capitu entende que o favor é uma via de mão dupla e sabe que José Dias, no fundo, mais do que favores, deve submissão aos detentores do poder, aos que se encontram no interior do círculo, se quiser manter seus privilégios. Dentro do espírito da lógica do favor, sua contraprestação realiza-se na ação bajular a família, opinando sobre quaisquer assuntos familiares que lhe chegassem aos ouvidos.

Em geral, as atitudes desse agregado tinham como finalidade preservar sua posição privilegiada, mas inteiramente dependente, na casa dos Santiagos. Se, realmente, ele conquistara o apreço da viúva e do tio Cosme, não granjeara da mesma forma a simpatia da Prima Justina, de Bentinho e de Capitu. Isto porque estas últimas personagens puderam visualizar, mediante

seus atos e palavras, grande sagacidade para enganar. (XAVIER, 1994, p.41).

Porém, assim como todos os agregados de todas as famílias, o foco principal deste era a matriarca, a dona da casa, a quem ele guardava seus melhores agrados. Pensando nesta relação, podemos dizer que o agregado era um misto de “malandro e parasita”. Malandro pelo fato de tentar sempre buscar angariar vantagens, de qualquer jeito, para benefício próprio. Parasita porque, assim como o exposto anteriormente, vive atrelado a uma família em relação de extrema dependência, com o objetivo fixo de manter sua posição de protegido.

O interessante ainda é que a própria palavra *favor* aparece posteriormente na fala de José Dias, quando Bentinho lhe faz o pedido e diz que em sua casa, todos o apreciam, que D. Glória pede muita vez os seus conselhos e que Tio Cosme o chama pessoa de talento. Ao ouvir isso o agregado responde: “São bondades [...]. São *favores* de pessoas dignas, que merecem tudo... Aí está! Nunca ninguém há de me ouvir dizer nada de pessoas tais; por quê? Porque são ilustres e virtuosas [...]” (ASSIS, 2010, p. 55, grifo nosso).

A ideologia do favor está aí claramente reconhecida pela própria personagem que engrandece a família Santiago, ao reconhecer os favores que prestam a ele. Porém, o movimento inverso também acontece, o agregado demonstra em diversos trechos grande implicância com a família do Pádua, até mesmo coloca a alcunha de “tartaruga” no pai de Capitu. Na casa da família Santiago, segundo o narrador, ninguém mais chamava Pádua dessa maneira, apenas o agregado. (ASSIS, 2010, p. 40) Essa implicância de José Dias provém do fato de que D. Glória ajudava a família de Capitu, certa vez deu conselhos para a compra da casa e chegou até a salvar a vida do velho. (ASSIS, 2010, p. 41).

É interessante como a ideologia do favor se manifesta na personagem, tornando uma análise psicológica de tal bastante difícil e ambígua. Na mesma intensidade em que José Dias desdenha de tal família e seu patriarca por entender que esses seriam uma ameaça à sua posição em relação ao núcleo e sentir que está em uma disputa de lugares a personagem também o faz porque de certa forma entende que faz parte daquele núcleo, a ponto de se sentir superior e desdenhar daqueles que para ele seriam de um nível social inferior. Fá-lo justamente por saber que eles encontram-se mais à periferia social, e que ele, participando do núcleo, seria superior. Também o faz por medo de que eles tentassem disputar seu espaço

próximo ao núcleo. Sua posição, estando a personagem na nebulosa, é conflituosa. Mais tarde José Dias diz a Bentinho que não é bonito que ele ande com Pádua na rua e completa “Quando era mais jovem; em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço, e ele vai tomando confiança” (ASSIS, 2010, p. 53). Fica claro aqui o medo de José Dias de que Pádua ocupe seu lugar e ao mesmo tempo a confiança que tinha de que era superior ao pai de Capitu. Ribeiro, em sua obra *Mulheres de papel* (1996), também comenta essa falsa ascensão da personagem, criada através da ideologia do favor:

O ataque é frontal e tem como alvo toda a família do Pádua. O que não deixa de ser curioso é que a defesa dos preconceitos de classe sejam feitos, não por um aristocrata, mas por um agregado que, na escala social, está muito abaixo do homem pobre representado pelo vizinho de D. Glória. [...]E José Dias, ao desfazer do vizinho e desafeto, imaginariamente ascende ao mesmo patamar social dos seus protetores. É um belíssimo exemplo (para usar um de seus superlativos) de comportamento ideológico por assimilação. Neste, ao assimilar os valores de segmentos dominantes na sociedade, o sujeito elabora uma fantasia de identificação que termina por fazê-lo porta-voz de ideologia alheia à sua situação de classe e que, inclusive, tem a função de mantê-lo na condição de dominado. José Dias, nesse sentido, é, efetivamente, mais aristocrata do que a família que lhe sustenta o parasitismo social. E o é por convicção e não por simples mimetismo ou espírito de bajulação. Antes de mais, ele é de uma coerência a toda prova, porque não alimenta dúvidas, como pode e deve se permitir um homem de bem, ao debruçar-se sobre as questões sociais. (IDEM, p. 307-308).

É comprovado o caráter do favor mais tarde, quando José Dias, ao perceber que não poderia disputar espaço com Capitu e vendo-a já como futura dona das propriedades, ao lado de Bentinho, cede das implicâncias e começa a falar da moça com muito mais apreço:

— Que há de ser? Quem é que não sabe de tudo?... Aquela intimidade de vizinhos tinha de acabar nisto, que é verdadeiramente uma bênção do céu, porque ela é um anjo, é um anjíssimo... Perdoe a cincada, Bentinho, foi um modo de acentuar a perfeição daquela moça. Cuidei o contrário, outrora; confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce... (ASSIS, 2010, p. 149-150).

Esses malabarismos de conduta, conforme explica Ribeiro (1996), indicam as piruetas a que estavam sujeitos os homens livres pobres, ou falsos homens livres, como determinados anteriormente nesse texto, para que conseguissem um lugar ao

sol na sociedade escravocrata em que viviam. “Todos os pobres simulam, de uma forma ou de outra, para agradar aos que lhes estão por cima e deles conseguir alguma redistribuição de renda” (RIBEIRO, 1996, p. 315).

Posteriormente no romance ficam ainda mais comprovadas as intenções de José Dias, e também suas preocupações em se fazer querido ao futuro proprietário do dinheiro e da posição social dos Santiago. Após o casamento de Bento Santiago esse mesmo conta: “José Dias dividia-se agora entre mim e minha mãe, alternando os jantares da Glória com os almoços de Matacavalos” (ASSIS, 2010, p.153). A personagem agora, vendo crescido o menino Bentinho, via-se servo de dois senhores, e cuidava de tal relação.

Para confirmar ainda mais tal interesse o próprio narrador menciona o fato de que José Dias declarava amor a seu filho, Ezequiel, com a esperança de preparar a próxima geração para que continuasse fazendo parte da família, conforme o trecho:

Correspondia-se com Capitu, a quem pedia que lhe mandasse o retrato de Ezequiel; mas Capitu ia adiando a remessa de correio a correio, até que ele não pediu mais nada, a não ser o coração do jovem estudante; pedia-lhe também que não deixasse de falar a Ezequiel no velho amigo do pai e do avô, “destinado pelo céu a amar o mesmo sangue”. Era assim que ele preparava os cuidados da terceira geração [...]. (ASSIS, 2010, p.195).

Ainda, para atar as pontas da história de tal personagem em nós, o mestre Machado de Assis ressalta a ironia de tal, lembrando no fim seu início. Quando José Dias, tendo agora Bento Santiago como seu benfeitor, já quase no fim da vida fica doente, Bento então manda que lhe chamem um médico homeopata, ao qual o agregado responde: “- Não, Bentinho [...] - Basta um alopata; em todas as escolas se morre. Demais, foram ideias da mocidade, que o tempo levou; converto-me à fé de meus pais. A alopatia é o catolicismo da Medicina” (ASSIS, 2010, p. 195). Como entrou para a família Santiago alegando ser um homeopata, morre rejeitando tal tratamento, comprovando, mais uma vez, que o fez pelos malabarismos a que estava sujeito como homem dependente.

Tanto esses malabarismos são intrinsecamente ligados à ideologia do favor que, como já demonstrado anteriormente com a personagem Capitu, há um reconhecimento de conduta entre os possíveis favorecidos, à nebulosa social. Prima Justina, por exemplo, também certa vez descreveu a Bentinho José Dias:

Prima Glória pode ser que, em passando os dias, vá esquecendo a promessa; mas como há de esquecer se uma pessoa estiver sempre, nos ouvidos, zás que darás, falando do seminário? E os discursos que ele faz, os elogios da igreja, e que a vida de padre é isto e aquilo, tudo com aquelas palavras que só ele conhece, e aquela afetação... Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião[...] (ASSIS, 2010, p. 50)

A personagem ainda completa o pensamento na sequência, afirmando ser José Dias “um intrigante, um bajulador, um especulador, e apesar de certa polidez, um grosseirão” (ASSIS, 2010, p. 50). Como também era de certa forma dependente dos Santiago, prima Justina disputa espaço com José Dias, ressaltando seus defeitos. Essa descrição que prima Justina faz de José Dias diz muito sobre a própria personagem e a ideologia na qual está imersa.

#### 4.2 PRIMA JUSTINA

Prima Justina vivia pouco menos à margem que José Dias, afinal, possuía grau de parentesco com a família. Dormia dentro da casa dos Santiago, mais próxima ao núcleo que o anterior, mesmo assim, não deixava de pertencer ao grupo dos agregados, era parente, mas não pertencia àquele grupo familiar. Conforme conta o narrador: “Vivia conosco por favor de minha mãe, e também por interesse; minha mãe queria ter uma senhora íntima ao pé de si, e antes parenta que estranha”. (ASSIS, 2010, p. 50). Mais uma vez aqui a palavra *favor* é utilizada no texto.

A personagem estava também presa à ideologia do favor, pois dificilmente demonstrava opiniões a D. Glória, muito provavelmente por medo de que não a agradasse. Outro motivo que poderia fazer com que a personagem se resguardasse seria o patriarcalismo da época. D’Incao (2012), ao tratar da mulher e da família burguesa, também explica o aparecimento de personagens desse tipo nos romances do século XIX:

Nesses romances aparecem as mulheres sós, tias solteironas ou viúvas que procuram favorecer a felicidade de seus protegidos. As moças pobres que amam homens que lhes são proibidos ou terminam morrendo ou se casam com outros de condição socioeconômica mais humilde. Nestes casos há

uma barreira entre o amor e o casamento. (D'INCAO, 2012, p.238).

Tal personagem, mesmo que dissesse ter opiniões definidas sobre a ida de Bentinho ao seminário, não se sentia à vontade para tomar posições sobre grandes decisões, como já foi demonstrado ser comum às mulheres da época. Certa vez, quando Bentinho lhe pede para que converse com D. Glória com o objetivo de encontrar meios de não ser enviado ao seminário, Prima Justina responde:

Isso não. [...] Se ela me consultasse, bem; se ela me dissesse: 'Prima Justina, você que acha?', a minha resposta era: 'Prima Glória, eu penso que, se ele gosta de ser padre, pode ir; mas, se não gosta, o melhor é ficar'. É o que o eu diria e direi se ela me consultar algum dia. Agora, ir falar-lhe sem ser chamada, não faço. (ASSIS, 2010, p. 51).

Nesse trecho, a personagem demonstra certa falta de voz, e, mais do que isso, talvez até mesmo certa esperteza ao tratar do assunto. Demonstra apoio a Bentinho, como futuro proprietário da casa onde mora, afirmando que só não diria a Dona Glória o que pensa porque é uma ideia que a viúva tem há tempos, e não poderia contrariá-la, mas, ao mesmo tempo, conquista o jovem dizendo que em sua opinião ele deveria ficar e que é o que diria, caso fosse consultada.

Posteriormente, na trama, Prima Justina elogia Capitu para Bentinho, diz que ela poderia vir a ser uma moça bonita, elogia-lhe os modos, a gravidade, os costumes, o trabalhar para os seus e o amor que tinha a D. Glória. (ASSIS, 2010, p. 51). Isso demonstra na trama um paradoxo entre a descrição da personagem e suas ações, como poderia criticar a todos de forma negativa e elogiar Capitu? É possível entender que a certo ponto da trama prima Justina também já desconfiava do romance entre os adolescentes, assim como José Dias, e quando tem oportunidade tenta conquistar os afetos do jovem Bentinho ao apoiar o romance, mesmo que de forma indireta, apostando suas fichas nos futuros dono da casa, mas, ao mesmo tempo, sem precisar correr riscos de deixar desgostosa a proprietária atual.

Essa postura intermediária e interesseira de Prima Justina é comprovada também mais à frente na trama, quando Bentinho, já no seminário, pede à mãe para perder um dia do seminário, em função do enterro do menino Manduca, leproso com quem ele trocou correspondências por um tempo, falando sobre uma guerra que ocorria à época. Na realidade, Bentinho não mantinha estreita amizade com o garoto, viu no enterro uma oportunidade para visitar Capitu. A essa altura, como

demonstrado, prima Justina já desconfiava do romance e até fez entender que apoiava, ou pelo menos entendia o sobrinho. Apesar de tais fatos, quando D. Glória consulta a prima sobre o pedido do filho há o seguinte diálogo: “- Você acha que não deve ir? [pergunta D. Glória a Prima Justina] – Acho que não. Que amizade é essa que eu nunca vi? (ASSIS, 2010, p. 135)”. Segundo o narrador, a prima venceu. Esse episódio demonstra que o apoio que prima Justina demonstrou a não ida de Bentinho para o seminário soou muito mais como interesse em não desagradar o futuro dono da casa que como real apoio a causa desse.

Prima Justina era viúva e é descrita como um tanto crítica pelo narrador. Segundo este, ela costumava dizer francamente a Pedro o mal que pensava sobre Paulo e a Paulo o mal que pensava sobre Pedro. (ASSIS, 2010, p. 50). Nesse sentido, o mal que prima Justina diz de José Dias poderia ser entendido como uma simples característica de seu caráter, no entanto, em nenhum outro momento da trama a personagem aparece realmente criticando um ou outro, apenas José Dias.

Segundo Bento Santiago, quando Capitu começou a se aproximar de dona Glória para atividades cotidianas como conversas, costuras e jantares, prima Justina não as acompanhava, apesar de não tratar Capitu de todo mal. Para o narrador, a prima, apesar de não dizer mal de Capitu, só sentia mesmo afeição pelo finado marido. Ainda segundo esse narrador, talvez prima Justina também gostasse de Dona Glória e se alguma vez pensou mal dessa foi entre si e o travesseiro. No entanto, isso é explicado da seguinte forma:

Compreende-se que, de aparência, lhe desse a estima devida. Não penso que ela aspirasse a algum legado; as pessoas assim dispostas excedem os serviços naturais, fazem-se mais risonhas, mais assíduas, multiplicam os cuidados, precedem os fâmulos. Tudo isso era contrário à natureza da prima Justina, feita de azedume e de implicância. Como vivesse de favor na casa, explica-se que não desestimasse a dona e calasse os seus ressentimentos[...].(ASSIS, 2010, p.111).

Está, nesse trecho, descrita por Bento Santiago, a ideologia do favor. Apesar de dizer que não acreditava em interesses maiores de prima Justina porque ela não multiplicava sorrisos, e assim, cuidados em sua perspectiva, ele admite que prima Justina, sendo favorecida, deveria calar qualquer ressentimento em relação à dona da casa. Ele demonstra essa incredulidade em falsas intenções da prima, talvez justamente por compará-la ao primeiro agregado, José Dias, muito menos sutil em

sua conduta.

No entanto, prima Justina dissimula sim em alguns momentos, como já demonstrado anteriormente, quando tenta agradar e Bentinho, sem desagradar à Dona Glória. A própria implicância da prima para com Capitu, quando essa começa a frequentar muito a casa dos Santiago não pode possuir outra motivação que não a identificação e a disputa existente entre as personagens da nebulosa por um lugar mais próximo ao núcleo, conforme já citado anteriormente nesse capítulo, ao tratar de José Dias.

Essa ótica é confirmada quando, mesmo que supostamente, segundo o narrador, ela criticasse a todos, a personagem não diz mal de Capitu a Bentinho quando esses conversam sobre a moça. Pelo contrário, prima Justina até elogia a menina para o apaixonado. Todavia, no decorrer do romance, quando Bentinho já se encontra no seminário e D. Glória fica doente, quando Capitu, que a essa altura já se encontrava muito mais próxima de Dona Glória, oferece maiores cuidados à viúva. Despeitada porque a moça ocupara-lhe o lugar ao pé de Dona Glória, a prima Justina vinga-se com um dito maledicente: “Um dia, perguntou-lhe se não tinha o que fazer em casa; outro dia, rindo, soltou-lhe este epigrama: ‘Não precisa correr tanto; o que tiver de ser seu às mãos lhe dará’” (ASSIS, 2010, p. 111).

Percebemos que prima Justina acaba por se envolverem tais intrigas com as demais pessoas da casa, suas concorrentes da nebulosa. A despeito disso, ela não deixa de demonstrar irrestrito apoio aqueles que a acolheram circunstância que por si, comprova como é controlada também pela ideologia do favor e que, por esse motivo, encontra-se no entremeio das posições sociais oficialmente definidas na época. Demais, era consanguínea dos Santiago, porém, estava submetida a uma posição de eterna devedora, que poderia discordar de todos, menos dos proprietários da casa em que fora acolhida.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as quatro personagens analisadas neste trabalho demonstram como era presente a discussão sobre a ideologia do favor no romance *Dom Casmurro*. A análise de tais personagens denuncia a complexidade existente nas relações interpessoais da época e como, mesmo com a ascensão da burguesia, num momento após completo domínio rural, a sociedade continuava sem muito espaço para os cidadãos que não possuíam bens, mesmo os pequenos trabalhadores necessitavam de favores dos proprietários para exercer sua profissão, sem contar a grande maioria dos cidadãos que tinham dificuldades mesmo para encontrar profissão e que sabiam que encontravam melhores chances através do parasitismo, vivendo como agregados, como é o caso das personagens José Dias e Prima Justina que foram estudadas.

Os dados expostos mostram como seria impossível estudar a sociedade do século XIX sem estudar a ideologia do favor, uma vez que as posições sociais eram determinadas justamente pelo favor. Os proprietários tinham sua posição definida, mas os não-proprietários, como os agregados, poderiam ser tratados como detentores de um poder social que na realidade não possuíam, porque se mesclavam com aqueles que tinham o poder. Isso é visível nas personagens Pádua e José Dias, sendo que o primeiro, porque possuía emprego e uma casa própria estava com certeza em uma melhor posição social que José Dias, já que esse morava de favor, não possuía emprego e nem bens próprios, no entanto, porque José Dias mostrava-se às vezes, mais próximo dos proprietários, com roupas e gestos que disfarçavam sua posição ele poderia facilmente, em sua sociedade, ser confundido com um representante do “núcleo” social.

Considerando-se a análise das personagens como proprietários e agregados é possível notar como tais figuras encontravam-se presas em uma relação de interdependência, mais do que a dependência clara dos agregados José Dias e Dona Glória, existia também uma dependência dos proprietários, que necessitavam do apoio dos agregados para a manutenção de sua posição social. Dona Glória principalmente, como proprietária e viúva em uma sociedade patriarcal, necessitava da presença dos agregados para a proteção de sua imagem como mulher que vivia sem a presença a presença de um patriarca.

Através dessa interdependência as posições muitas vezes eram passíveis de confusão ao primeiro olhar, visto que os agregados também auxiliavam os proprietários e eram definidos sempre como amigos ou mesmo família, entretanto, como demonstrado na análise de José Dias e de prima Justina essa dependência se mostrava muito maior da parte dos agregados, visto que esses, mais do que para a manutenção da posição social, precisavam dos recursos dos proprietários, não possuindo bens materiais ou uma profissão em uma sociedade que quase não abria espaço para aqueles que não detinham poder aquisitivo.

Sobre a questão do patriarcalismo na sociedade burguesa foi possível notar que os proprietários estavam mais presos a valores patriarcais que os próprios agregados e aqueles de classes mais baixas, uma vez que para manter o *status* e o respeito dentro do ideal da burguesia era necessário que guardassem tais valores. Dona Glória, nesse sentido, é vítima da dependência dos agregados e da eterna solidão, transfigurada na imagem de viúva, sempre de roupas escuras e cabelo preso, escondendo a juventude para manter seu poder como matriarca. Bento Santiago é vítima de tais valores quando acaba por sacrificar a família que tanto quis em virtude de uma vingança, quando percebe que não exerceu seu papel como patriarca e como homem durante muito tempo.

Comparando Dona Glória e Bento Santiago observou-se que Dona Glória, mesmo estando presa a valores patriarcais demonstra em sua trajetória mais força que o próprio filho, uma vez que essa fez o possível para manter sua posição sem abrir mão de seus desejos e comandou a vida na casa dos Santiago durante todo o romance. Bento Santiago, por outro lado, se mostrou confuso quanto à sua posição, mesmo sendo homem. Quando menino o personagem era sempre guiado por terceiros, principalmente por Capitu, não incorporando o poder que possuía socialmente, entretanto, depois de adulto, ao tentar recuperar esse poder antes não exercido acaba por perder o controle da situação.

Considerando as últimas personagens analisadas, José Dias e prima Justina, ficou comprovado como a posição de agregados os colocava em um lugar de grande dependência em relação aos proprietários e como os dois, compartilhando dessa posição, não demonstravam discrepância na questão comportamental. Ambas as personagens faziam “malabarismos” para manter seus privilégios comportando-se de forma diferente em relação a quem as ouvia ou observava. Se falavam sobre personagens que estavam em uma posição social igual ou inferior a sua sentiam a

necessidade de inferiorizá-los ainda mais, se falavam de seus benfeitores, sentiam a necessidade de engrandecê-los e de apoiá-los.

Ainda no que se refere aos dois agregados, no entanto, é possível notar pequena diferença comportamental entre prima Justina e José Dias, sendo a primeira mais discreta em suas ações, enquanto o segundo demonstrava mais esforços para manipular os proprietários. Essa diferença, perceptível a uma leitura muito atenta, pode ser explicada pela posição dos dois em relação ao “núcleo”. Sendo prima Justina consanguínea dos Santiago considerava-se mais segura e não sentia a necessidade de manipulá-los tão obstinadamente. José Dias, por outro lado, sendo um personagem que não possuía segurança social e nada que o prendesse à família, além da ideia de amizade e de camaradagem precisava forçar a trajetória da família de forma a manter seus interesses.

Todos os fatos apresentados comprovam como as personagens do romance em estudo funcionam como uma denúncia dos cidadãos da vida real, recriados pelo autor. Comprovam que o romance deve ser lido de uma perspectiva que reconheça a ideologia do favor presente na época e como a sociedade do século XIX deve mesmo, citando Damatta(1997), ser estudada a partir de uma perspectiva relacional. Em todas as personagens estudadas a posição social é norteadora dos comportamentos e é a relação dada entre tais personagens que denuncia a sociedade da época. Além do mais, é essa perspectiva relacional que demonstra como as posições sociais se divergiam em dados momentos, e comprova como as personagens, mesmo estando presas a uma determinada posição social, sob a perspectiva relacional, reinventavam tais posições, encontrando-se nos entremeios de uma sociedade que oficialmente era bem dividida, mas que na prática das relações submetia todos à lutas de poder e de sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 9 ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CALDWEL, Hellen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de Dom Casmurro. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSTA, Emília Viottida. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 6 ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro. 1997.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore. **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012. Página 223-240.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural no Brasil. São Paulo: Companhia editora nacional, 1936.

GLEDSON, John. **Machado de Assis impostura e realismo**: uma reinterpretação de Dom Casmurro. Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia da letras, 1991

REIS, Roberto. **A permanência do círculo**: hierarquia no romance brasileiro. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de papel**: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1996.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: 34, 2000.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem feminina no romance de Machado de Assis**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Galo branco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Verso e reverso do favor no romance de Machado de Assis**. Viçosa: UFV, 1994.